



PERCEPÇÕES ACERCA DA CANNABIS ENTRE DOCENTES DE UMA FORMAÇÃO CONTINUADA ONLINE

Vinicius Motta da Costa¹, Leonardo Lourenço Lopes², Francisco José Figueiredo Coelho³

¹Mestre em Ensino em Biociências e Saúde, PGEBS/IOC/Fiocruz, Duque de Caxias-RJ. E-mail: vinimctr@gmail.com; ²Mestre em Microbiologia Agrícola, UFV, Viçosa-MG. E-mail: leobiolopes@gmail.com; ³Doutor em Ensino em Biociências e Saúde, PGEBS/IOC/Fiocruz, Niterói-RJ. E-mail: educacaosobredrogras@gmail.com

Resumo: Relacionado aos preconceitos, estigmas e julgamentos relacionados às práticas de uso da maconha, temos uma formulação de perfil do usuário de drogas relacionada a gênero e outros marcadores sociais. Tendo como um dos objetivos a promoção do respeito às diferenças culturais e a desmistificação acerca dos efeitos do uso da Cannabis, foi oferecida uma formação continuada online na Fundação CECIERJ intitulada "Do biológico ao social: ciência por trás da maconha". Tal curso, metodologicamente desenhado em 12 fóruns reflexivos em meados de 2020, promoveu uma perspectiva de aprendizagem colaborativa, sendo analisadas neste trabalho as interações na semana 4 (abordagem sobre a aparência de um usuário de maconha). Ao propor que cursistas compartilhassem suas percepções sobre a maconha em aplicações recreativas e terapêuticas, o diálogo favoreceu o exercício da democracia e a promoção da saúde e de práticas dos Direitos Humanos em uma abordagem redutora dos danos do uso abusivo da maconha e outras drogas.

Palavras-chave: Estigmas, Maconha, Redução de Danos, Formação Continuada.

Introdução

O temário drogas é envolto por controvérsias, dado que geralmente é tratado pelos efeitos químicos que os usuários sentem em seus organismos. Especialmente a maconha, aferida por alguns como erva maldita ou planta maléfica, recebe o rótulo de causadora de males pessoais e sociais, por vezes enraizada em estigmas sociais seculares.

Este caminho, nos faz refletir acerca do conceito de cultura canábica, reconhecendo que o consumo da planta e as representações sociais a ela relacionadas têm sofrido influências de outros segmentos culturais, tais como as culturas de massa via internet. Para o autor, a edição de revistas especializadas, a militância através de marchas e exibições de filmes e debates nas redes sociais são ações que popularizam e permitem que a sociedade repense alguns mitos, abrindo espaço para avaliar o

uso consciente e politizado não apenas da maconha, mas de outras plantas e drogas psicoativas¹.

Curioso notar que em diferentes situações o uso recreativo da Cannabis é visto como desvio de conduta, ainda que todo um movimento disseminador de culturas de massa defenda uma cultura canábica não violenta e não demonizada. Esse fenômeno social - não apenas para a maconha, mas para outras situações prejudicadoras - é classificado como estigma². Em outros termos, a maconha ou outra droga produz uma marca social que segrega quem a utiliza por associar o ato a um comportamento inaceitável para o convívio social. Por meio desse posicionamento, são construídos e reforçados argumentos que negros e periféricos devem ser mantidos à margem da sociedade porque a sua incapacidade de convívio coletivo é expressa no uso de drogas.



Visando a desconstrução de tais estigmas e prejulgamentos que atuam na dinâmica social, torna-se importante a abertura de espaços democráticos em que a droga não seja encarada como um meio para aplicação de ópticas de desprezo e apatidão. Para tanto, autores, defendem que o debate sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas deve se pautar pelo respeito às subjetividades, diversidades e contextos culturais³. Nesse sentido, um caráter proibicionista de abordagem do consumo perde espaço para o avanço de uma abordagem educativa redutora de danos⁴.

Para romper com uma óptica restritiva, pesquisadores realizaram uma atividade dialógica em uma escola estadual para promover, a partir de uma reportagem do programa dominical Fantástico, uma reflexão sobre a legalização da maconha no Uruguai e quais seriam os efeitos de tal medida no Brasil. Segundo os autores, aspectos culturais, políticos e sociais foram mencionados em momentos dialógicos pelos estudantes da educação básica, o que retrata uma gama de conhecimentos interdisciplinares acerca da temática e não a falácia educativa de que os jovens não compreendem sobre o tema⁵.

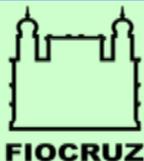
Décadas se passaram e diferentes leis proibiram e regulamentaram os usos da maconha. Atualmente um movimento mais intenso de debates tem estimulado um novo olhar sobre o assunto, especialmente no âmbito medicinal. Entretanto, embora os debates medicinais sejam crescentes, os mitos, estigmas e preconceitos típicos de uma sociedade enraizada no proibicionismo ainda se

alastram, o que nos faz pensar na escola como um ambiente preciso para debates sociais mais amplos. Nesse alinhamento, as referências teóricas mencionadas nos ajudam a compreender possibilidades pedagógicas para desconstruir falácias e equívocos perpetuados em nosso sistema educativo brasileiro e subsidiam formações docentes que estimulem o professor a indagar com os estudantes práticas pedagógicas não segregadoras e amparadas nos direitos humanos e na democracia.

Material e Método

Partindo dos referenciais mencionados na introdução, o presente trabalho foi originado da análise das postagens feitas por cursistas inscritos na segunda edição do curso Do biológico ao social: ciência por trás da maconha, oferecida pela Fundação CECIERJ. Oferecida para licenciandos em final de graduação e profissionais da Educação, a formação foi oferecida entre os meses de março e junho de 2020. Dentre seus diferentes propósitos, o curso buscou sensibilizar o profissional do magistério para a desconstrução de que o temário cabe com exclusividade às Ciências da natureza.

Do contrário, a formação teve o desafio de autorizar os agentes educativos a se reconhecerem enquanto agentes mediadores de debates sobre drogas e não alinhar o debate canábico na égide das pesquisas em saúde ou jurídicas. Assim, trata-se de um tema que envolve dimensões interdisciplinares e transversais e que evoca as experiências e vivências de seres humanos, sendo prioritariamente abordado pelos profissionais e pesquisas em Educação.



Diante do exposto, o curso foi estruturado em doze encontros semanais assíncronos de participação (onze fóruns e um quiz), nos quais foram apresentadas situações cotidianas e científicas que versaram sobre a presença da cannabis nas sociedades através dos tempos. Cabe lembrar que, nesse artigo, os resultados se referem aos enunciados oferecidos aos cursistas na semana 4, com a proposta de capturar as percepções dos cursistas a partir dos preconceitos vinculados ao uso de cannabis.

Durante o fórum em destaque, os cursistas foram motivados a analisar coletivamente a seguinte situação:

"Onéias tem 16 anos. É um rapaz tranquilo, calmo. Gosta de ouvir seu Reggae e ficar contemplando a paisagem. Assim como os colegas de sua idade, adora uma vibe jovem. Usa dreads na cabeça, pulseiras coloridas e cordões, algo que o agrada bastante. Na semana passada foi à casa de Pablo, seu colega da escola, para realizar uma tarefa em dupla. Ao chegar, percebeu os olhares condenatórios da mãe de Pablo. Enquanto realizavam a pesquisa, Pablo foi chamado por sua mãe em particular. Ela declarou em voz alta: - Você agora está colocando maconheiro dentro de casa?"(Fórum da Semana 4 do curso Do biológico ao social: ciência por trás da maconha, em 2020).

Associada a situação acima, foram apresentadas duas questões norteadoras para reflexão dos participantes: (1) Independente de consumir ou não a maconha, como será que Onéias se sentiu ao escutar isso da mãe de um amigo? e (2) As roupas e acessórios de alguém definem seus hábitos em relação ao uso de substâncias?

As postagens dos cursistas analisadas para este trabalho foram analisadas de forma a interpretar quais os significados que os preconceitos de agravo a saúde ou de desvio de conduta operam em referência a Cannabis, seja com base em um consumo hipotético baseado na aparência ou no uso real do indivíduo.

Resultados e Discussão

Para fins de análise, foram consideradas as postagens que responderam às duas questões norteadoras do fórum da semana 4. Assim, quarenta e quatro cursistas produziram conteúdos que versaram sobre o enunciado do fórum. Entre eles, a visão preconceituosa da sociedade a partir de marcas sociais como a aparência do possível usuário de cannabis foi destacada 35 vezes.

Sobre a questão Independente de consumir ou não a maconha, como será que Onéias se sentiu ao escutar isso da mãe de um amigo? Vinte e cinco cursistas mencionaram que a fala da mãe de Pablo causou sensações desagradáveis em Onéias. Entre as falas, destacamos as que mencionam constrangimento, chateação e pessimismo. O estigma foi um termo citado de forma espontânea na resposta a questão 1 por doze participantes, mostrando que existia um entendimento de que o prejulgamento quanto ao uso de maconha revela uma dimensão complexa das relações sociais sobre o que é aceitável ou não e as possibilidades de ação a partir dos novos saberes acerca da Cannabis¹.

Já sobre a interrogação As roupas e acessórios de alguém definem seus hábitos em relação ao uso



de substâncias? Doze participantes mencionaram que o uso de dreads é um item que mobiliza o olhar estigmatizante da sociedade para a construção do lugar social do maconheiro, termo utilizado com carga pejorativa para demarcar que o indivíduo em questão não está fazendo algo digno de elogio pela coletividade.

Em contrapartida, outros dezesseis cursistas não entenderam que música, corte de cabelo e outros traços de estilo de vida podem condicionar a valorização ou condenação coletiva. Para reforçar tal argumento, foram citadas pessoas (brancas, ricas, policiais, médicos ou executivos) que podem usar substâncias e não serão postos em dúvida ou reprovados quanto ao seu consumo de maconha e outras drogas.

Ainda sobre as consequências do olhar de reprovação quanto ao estilo de vida, foi mencionado que as pessoas classificadas como usuárias de cannabis sofreriam desvantagem na busca por emprego, já que o estigma do usuário de maconha afirma a ideia de punição social através do isolamento².

Os participantes alertaram para a necessidade de respeitar as escolhas de estilo de roupa das pessoas para que isso não se traduza em julgamentos, associando com as ideias para a promoção de um ambiente social pautado na compreensão das escolhas dos indivíduos^{1,3-5}.

Considerações Finais

A percepção social sobre a maconha revela muitas percepções preconceituosas sobre o tema.

Neste sentido, é marcante uma visão drogacêntrica sobre a realidade de consumo da substância.

Sobre tal aspecto, é possível compreender a necessidade e o desafio de debates a Cannabis e outras drogas que englobem a dimensão multifatorial sobre os usos³⁻⁵.

Na análise das postagens feitas dentro das atividades de uma formação sobre maconha para graduandos e profissionais da educação, ficou aparente que os preconceitos estão presentes nas visões dos docentes. Todavia, um senso crítico também foi observado como elemento prévio e também como resultado da aprendizagem colaborativa, o que mostra que o temário drogas tem potencial para promover nas escolas uma cultura de tolerância para com as diferenças sociais, de forma a abarcar a antropologia na intervenção em saúde pública na educação na sua forma integral.

Em palavras finais, entendemos que um curso oferecido aos profissionais de ensino trouxe bons caminhos reflexivos, não apenas de entendimento químico e biológico do uso da planta, mas reconhecendo toda a cultura canábica vivenciada na sociedade. Nesse contexto, é possível que o professor compreenda mais experiências e vivências de estudantes que vivem a cultura canábica, sem carregar o peso do julgamento e da opressão.

Como relatado em nosso referencial, a escola é um lugar precioso para que debates emergentes tragam novos olhares políticos, científicos e democráticos para os estudantes. E isso envolve toda a segregação racial, socioeconômica e estética que



está imersa não apenas no âmbito das práticas recreativas com a maconha, mas em assuntos cotidianos que circulam dentro e fora da escola. Por isso, investimentos como os da Fundação CECIERJ e do Grupo de Pesquisa em Educação e Drogas (GPED), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), fomentando formações para profissionais da Educação básica e auxiliando estes agentes para práticas educativas pautadas na sensibilidade, no respeito à diversidade e na desconstrução de mitos e preconceitos vinculados ao tema drogas.

Referências

1. Veríssimo M. Maconheiros, fumons e growers: um estudo comparativo do consumo e do cultivo caseiro de cannabis no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Rio de Janeiro: Autobiografia. 2017.
2. Goffman E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC. 2015.
3. Coelho FJF, Monteiro S. Educação sobre drogas: um olhar transversal rumo à democracia. In: IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias. Rio de Janeiro, 6, 2017, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.seminarioredes.com.br/ixredes/adm/trabalhos/diagrama-dos/TR311.pdf>>. Acesso em 23 abr 2022.
4. Coelho FJF. Educação sobre Drogas e Formação de professores: uma proposta de ensino a distância centrada na Redução de Danos. 245f. Tese (Doutorado) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde. Rio de Janeiro. 2019.
5. Martins S, Costa VM, Coelho FJF, Sousa C. Debates sobre a legalização da maconha na sala de aula: pedagogia ou apologia na era da resistência? *RevistAleph*. 2020; 34. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/40829/25237>>. Acesso em 12 jun 2022.